



Fig.1 – Aula do Ateliê Nossa Casa nos jardins externos ao Departamento de Artes Plástica da Universidade de São Paulo.  
Créditos de imagem: Arquivo Ateliê Nossa Casa.

## **ATELIÊ NOSSA CASA: PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSDISCIPLINAR E PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM ARTE<sup>1</sup>.**

**Profa. Dra. Dália Rosenthal (USP)<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo apresenta um relato sobre o Projeto Ateliê Nossa Casa desenvolvido no Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo desde 2011. O Ateliê Nossa Casa atua como um laboratório para o exercício de uma prática pedagógica transdisciplinar na formação de professores e no ensino de arte para crianças. É também um espaço de pesquisa para todos inclusive alunos da pós graduação, ex-alunos ou colaboradores externos. O texto objetiva a organização de um relato memorial sobre o

---

<sup>1</sup> Todas as imagens apresentadas neste texto fazem parte do arquivo Ateliê Nossa Casa.

<sup>2</sup> Professora no Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutora em Poéticas Visuais pela UNICAMP. E-mail: [daliarose@hotmail.com](mailto:daliarose@hotmail.com) .

projeto com foco nas estruturas formativas que balizam a nossa prática pedagógica transdisciplinar desde a formação até a criação e o desenvolvimento atual do projeto.

**PALAVRAS CHAVE: TRANSDISCIPLINARIDADE, ENSINO DAS ARTES, ATELIÊ NOSSA CASA.**

**RESUME:**

This article presents an account of the Projeto Ateliê Nossa Casa developed at the Plastic Arts Department of the University of São Paulo since 2011. Ateliê Nossa Casa acts as a laboratory for the exercise of a transdisciplinary pedagogical practice in teacher training and art teaching for kids. It is also a research space for everyone, including graduate students, ex students or external collaborators. The text aims to organize a memorial report on the project with a focus on the training structures that guide our transdisciplinary pedagogical practice from training to the creation and current development of the project.

**KEY WORDS: TRANSDISCIPLINARITY, TEACHING OF THE ARTS, ATELIÊ NOSSA CASA.**

**1.1 – INTRODUÇÃO:**

O Projeto Nossa Casa nasceu em 2011 no contexto do “Ateliê de artes para crianças”, um curso de extensão do Departamento de Artes Plásticas, na Universidade de São Paulo. O projeto lança-se ao desafio de estruturar abordagens para uma prática pedagógica transdisciplinar e ensino das artes visuais. Participam crianças entre 7 e 12 anos que buscam o ateliê como um espaço de contra turno. São crianças que nos chegam relatando um interesse especial pela na área de artes, um desejo de aprofundamento e um lugar para criar. O ateliê também acontece como um espaço para a aprendizagem da docência por meio do vínculo com a disciplina de graduação Metodologias do Ensino das Artes Visuais III com Estágios Supervisionados.

*“A ideia é proporcionar uma indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de modo a garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo os licenciandos em processos investigativos em sua área específica e na prática docente<sup>3</sup>”.*

O projeto se desenvolve a partir de encontros entre as crianças e os graduandos, uma vez por semana durante quatro horas. Os planejamentos são construídos em conjunto pelo grupo de alunos participantes com a orientação e acompanhamento da coordenadora. Para isso, criamos inicialmente um mapeamento de interesses e saberes pessoais que integramos ao estudo de documentos e referências para a organização de cada semestre. A partir de uma abordagem colaborativa elencamos em seguida os meios e procedimentos que serão desenvolvidos a cada aula por meio de dinâmicas pedagógicas circulares e que objetivam integrar as distintas pesquisas artísticas de cada participante aos processos de criação dos planejamentos que serão desenvolvidos naquele semestre.

Para as crianças o ateliê atua como um espaço de experiências com as artes visuais a partir de um olhar para a criação artística com foco nos processos de investigação. Artistas e demais referências selecionadas pelos educadores são compartilhadas e integradas com a exploração de linguagens, técnicas e materiais. O objetivo é experimentar e conhecer diferentes processos artísticos, exercitando a pesquisa, a autonomia, o trabalho coletivo e observando a aprendizagem da arte por meio de uma construção conjunta de conhecimentos.

“O título Nossa Casa traz o desejo de uma interação simbólica entre os espaços internos que vivenciamos durante nossos processos de criação e o sentido de morada. Assim, o corpo, a escola, a família, a cidade, o país, o planeta, o universo e muitos outros espaços nos quais podemos habitar e vivenciar como lugar do Lar são observados como plataformas de investigação artística. Com autoria e coordenação da docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Dália Rosenthal, o Ateliê Nossa Casa se foca na prática transdisciplinar a partir de um contorno dialógico entre o fazer artístico, a exploração da natureza e a Cultura de Paz<sup>4</sup>. (...) entendemos a prática de reflexão e criação a partir

---

<sup>3</sup> Rosenthal, Blog Ateliê Nossa Casa. Disponível em: < <http://ateliennossacasa.blogspot.com/p/o-projeto-nossa-casa.html>>. Acesso em 09/11/2019.

<sup>4</sup> “O estabelecimento de uma cultura de paz e o desenvolvimento sustentável estão no cerne do mandato da UNESCO. A capacitação e a pesquisa em desenvolvimento sustentável estão entre as prioridades, assim como a educação em direitos humanos, competências para as relações pacíficas, a boa governança, a

da exploração do sensível no exercício do conhecer e do fazer artístico”<sup>5</sup>.



Fig.2 – Aula do Ateliê Nossa Casa: Criando nossa bandeira. Créditos de imagem: Arquivo Ateliê Nossa Casa

Embora o projeto apresente este contorno que nos permite uma base para o trabalho transdisciplinar: *fazer artístico, exploração da natureza e Cultura de Paz*, a cada semestre ele se expressa com uma forma diferente a partir do encontro entre os alunos da graduação e o grupo de crianças. O projeto Nossa Casa aponta alguns caminhos, algumas referências de partida, mais é dentro da tessitura do trabalho de criação pedagógica vivenciada por cada grupo e na forma como as relações se dão entre todos os envolvidos que nascem os núcleos de trabalho que serão desenvolvidos a cada semestre.

No projeto Nossa Casa busca-se uma abordagem de observação destes núcleos principais como matrizes geradoras de temas, técnicas ou procedimentos que emerjam da escolha dos mesmos pelo grupo de educadores e que irão nos acompanhar durante o semestre.

---

*memória sobre o Holocausto, a prevenção de conflitos e a construção da paz*”. Disponível em < <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/culture-peace>>. Acesso em 20/07/20

<sup>5</sup> Rosenthal, Blog Ateliê Nossa Casa. Disponível em: < <http://ateliennossacasa.blogspot.com/p/o-projeto-nossa-casa.html>>. Acesso em 09/11/2019.

Aqui também se insere a decisão pelas diferentes referências artísticas e culturais presentes em cada processo de trabalho.

Para os alunos da graduação o momento da escolha de referências é observado como um momento de mapeamento de repertórios, identificação de interesses e da poética pessoal. Neste sentido a decisão pelo corpo de referências é observado como a partilha de um conjunto de processos de ensino e aprendizagem da arte vivenciados pelos graduandos nas diferentes disciplinas oferecidas durante o curso. É também um exercício coletivo de criar diálogos e transposições integradas para encontrar tangências entre os diferentes interesses presentes no grupo.

Para as crianças as referências são vistas como conteúdos fundamentais para uma compreensão gradual de que cada criação embora individual não é isolada e faz parte de um corpo curricular, de uma História da Arte, da produção contemporânea em artes visuais ou ainda das diferentes expressões originárias presentes no mundo. Dentro de um contexto do ensino e aprendizagem da arte todas estas configurações podem conviver juntas. Compreender ou ainda vivenciar estas diferenças é um dos caminhos escolhidos pelo projeto Nossa Casa para o trabalho com a Cultura de Paz: a viabilização de espaços para o diálogo e a reflexão coletiva entre as diferentes formas de manifestação ou criação artística.

Pesquisamos a Cultura de Paz a partir de um contexto pedagógico no qual estudamos a paz como algo em movimento. Não como um lugar a se chegar. Uma paz que parte da observação, da escuta, da reflexão, do diálogo mas também do conflito, um componente importante e que não está excluído do processo.

Como coloca o professor catalão JARES (2008, p.25) no seu livro *Pedagogia da Convivência: “Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade”*.

Em seu artigo “Educação para paz: um caminhar no pensamento complexo através de cinco pedagogias integradas e complementares”, o professor Filho (2016, p.138), nos coloca várias questões para refletirmos sobre o sentido da Paz:

“ (...) onde figuraria uma pretensa paz? Ela existiria concretamente? É mera utopia diante de realidades tão cruéis? A paz teria seu refúgio

destinado apenas nas religiões? Mas, e a intolerância religiosa que gera tanta violência? Ainda, a paz nasceria no coração das boas pessoas? Isso é possível? Vemos que a paz parece apenas uma ideia distante e utópica, sem sentido para a realidade humana. Estaríamos destinados, portanto, a uma cultura de violência, das fatalidades, das guerras entre países, pessoas, das violências guardadas em nossas vidas como seres humanos, sociais e históricos”?

Fig.3 – Aula do Ateliê Nossa Casa: Criação de vestimentas e narrativas. Créditos de imagem: Arquivo Ateliê Nossa Casa.



No projeto

Nossa Casa exercitamos

a paz como um conjunto de elementos vivos. Uma paz plural e com várias formas de expressões simultâneas. Processos integrados, como um corpo autônomo e presente a cada encontro, formado por forças antagônicas e complementares. Trabalhar com a paz neste sentido seria uma abertura para discutirmos juntos e tendo em vista que o movimento para transformar nossos olhares seja pelo menos um horizonte. Mas não um lugar a se chegar.

Outro pilar dialógico colocado nos contornos do projeto Nossa Casa e presente na transdisciplinaridade seria a aproximação da natureza pesquisada como uma plataforma de aprendizagem por meio da integração entre a observação sensível dos nossos jardins do departamento e seu entorno, às referências e materiais naturais apresentados para as

crianças como possibilidades de ação combináveis nos processos de criação em artes visuais.

Buscamos na transdisciplinaridade uma possibilidade de abordagem que norteie o caminho percorrido pelo nosso olhar em direção à natureza e suas infinitas expressões e sistemas de vida que no conjunto, admitem a diferença, a mistura e a integração seja de cores, formas, texturas ou odores e que nos evocam por sua vez às sensações ou sentimentos: todos estes elementos que podemos reconhecer presentes também em uma obra de arte. O estudo da paisagem ou dos elementos e formas da natureza estão presentes em toda a História da Arte ocidental assim como nas inúmeras expressões originárias que encontramos por todo o planeta. A busca desta aproximação entre natureza e artes visuais sempre esteve conectada a história das sociedades e da cultura humana.

Por meio da transdisciplinaridade buscamos investigar o que estaria entre, através e além da natureza nas diferentes linguagens artísticas que conhecemos?

(...) ser trans é estar entre, através e além. Assim, a transdisciplinaridade dirige a sua atenção para àquilo que está entre as disciplinas e suas linguagens, através das disciplinas e suas linguagens e além de qualquer disciplina ou linguagem” (ROSENTHAL, P. 507, 2012).

Do ponto de vista pedagógico assumimos que para a criação de um trabalho de arte recorreremos a transdisciplinaridade como um campo de trabalho aberto e complexo passível de infinitas combinações: Como identificar os elementos que levaram um artista a criar uma obra? Biográficos? Históricos? Sociais? Universais? Regionais? Como separá-los? Na obra de arte, todos estes elementos se integram para a formação de um novo corpo vivo que admite todos os anteriores, porém já não pode mais voltar a ser nenhum deles.



Fig.4 – Aula do Ateliê Nossa Casa: Coleta de materiais para a criação. Créditos de imagem: Arquivo Ateliê Nossa Casa.

“(…) O processo criador em si já se configura como uma profunda experiência da transdisciplinaridade. Para a criação de uma obra é necessária uma coleta interior de dados que não estão unidos a priori. Eles partem de experiências distintas e de observações que não obedecem a um tempo cronológico. Podemos misturar uma imagem que vivenciamos aos dois anos de idade com outra que vivenciamos aos 60, um cheiro com uma palavra, um punhado de terra com um filme. É um mecanismo natural da criação humana: observar, selecionar, misturar, integrar, reorganizar: diálogo entre naturezas formativas; entre substancialidades (ROSENTHAL, P.513, 2012)”.

Observamos até aqui que exercitar o olhar transdisciplinar pode colaborar para uma prática do sensível bem como para uma observação integrada entre a natureza e a Cultura de Paz. E as artes, no nosso caso visual, seriam o nosso território comum por onde o grupo irá caminhar.

Neste sentido, o Ateliê Nossa Casa está como um lugar de laboratório pedagógico para transformar a transdisciplinaridade em uma práxis pedagógica, ou ainda, uma prática pedagógica transdisciplinar para a formação de professores e no ensino de arte para crianças. É também essencialmente um espaço de pesquisa para todos inclusive alunos

da pós graduação, ex-alunos ou colaboradores externos. Reforço este olhar para o exercício pois sempre existe a pergunta aberta se o logramos. E esta é mais uma pergunta do projeto. Como avaliar se o Ateliê Nossa Casa é realmente uma experiência transdisciplinar? Apenas cada aluno ou pesquisador que o vivenciou pode responder. E me incluo também como autora nestes questionamentos.



Fig.5 – Aula do Casa: com pedras e Créditos de Arquivo Ateliê

Ateliê Nossa Trabalhando sentidos. imagem: Nossa Casa.

É a partir desta pergunta e da experiência de trabalho destes quase 10 anos de projeto que desenvolvi a o texto a seguir com um relato memorial que busca explicitar aqui, algumas das nossas premissas principais para nossa prática pedagógica transdisciplinar cotidiana.

## 1.2 DAS PREMISSAS INICIAIS: INDIVÍDUO/GRUPO E CONTEXTO

Quando iniciei no curso de licenciatura em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes<sup>6</sup>, eu já tinha a experiência rítmica com a criação artística desde a adolescência e esta prática facilitou o trânsito pedagógico entre a artista e a educadora que nascia durante a minha

---

<sup>6</sup> Nomenclatura utilizada na época e atual Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

formação. Vivenciar esta gênese integrada influenciou toda minha atuação futura e a criação do projeto Nossa Casa.

Desenvolvi durante este período um interesse muito particular pela maneira como as culturas e religiões articulavam a materialidade para a criação de espaços simbólicos e imateriais como cerimônias ou rituais. Este interesse inicial passou a me orientar como educadora para a observação de como cada aluno já apresentava desde a primeira aula uma memória pessoal que se revelava como um modo muito particular de se relacionar com a plasticidade dos materiais, sobretudo os naturais. Ainda nos estágios percebia como crianças ou adultos ao receberem ou escolherem um material plástico para trabalhar demonstravam uma intuição ou ainda um repertório afetivo ou memorial que se explicitava na expressão, independente de já terem vivenciado ou não uma formação anterior em artes visuais. Estas experiências iniciais me possibilitaram uma base empírica para o desenvolvimento da observação atenta ao outro. Para a forma como cada indivíduo ou grupo lida com a materialidade do mundo e organiza seus repertórios de experiências durante os processos de criação. E em uma transposição para o projeto Nossa Casa podemos colocar que esta se tornou a nossa primeira premissa metodológica: cada indivíduo presente em um grupo traz a essência fundamental que possibilitará um trabalho coletivo pela partilha do complexo universo pessoal, vivências, repertórios e interpretações.

Entretanto, aprendemos também que este encontro inicial entre “universos partilhados” é mutável. E se transforma a partir do contexto; ou seja; a depender do contexto o mesmo grupo pode apresentar uma integração /interação completamente diferente da anterior. O que nos levou para a nossa segunda premissa: Mapear o contexto e identificar os elementos de trabalho possibilitados pelo mesmo. Este é um trabalho que pode ser feito a muitas mãos por todos os educadores envolvidos e criamos assim espaços de colaboração e contextualização coletivos. Após este trabalho de mapeamento buscamos movimentar os elementos identificados por meio da prática pedagógica colocando-os em diálogo com as narrativas indivíduo/grupo - ali presentes. Tem-se assim os primeiros círculos dialógicos de trabalho nos quais todos os elementos identificados se transformam em planejamentos para a ação educativa partindo para a escolhas de referências, materiais, linguagens e demais meios oriundos das práticas plástico visuais.

### 1.3 – ENTRE A TRANSDISCIPLINARIDADE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSDISCIPLINAR

Enfatizo aqui que a transdisciplinaridade como campo de estudo naturalmente diferencia-se de uma prática pedagógica transdisciplinar. A construção desta última, é apenas possível pela experiência concreta - aula a aula - e depende diretamente da compreensão e de uma necessidade de ênfase na observação contextual para a criação do caminho metodológico sobre o qual a plataforma de atuação do educador será estruturada.

“Como uma teoria pedagógica, a complexidade e a transdisciplinaridade encontram-se ainda na fase de construção, no entanto, já se nota um grande número de educadores que recorrem a seus conceitos, como também se observam núcleos de docentes-pesquisadores nas universidades começando a se organizar nos níveis local e nacional” (SANTOS,P. 72, 2008).

Neste sentido, a transposição entre a transdisciplinaridade abstrata para a prática pedagógica transdisciplinar nos exigiu uma nova descoberta. Podemos colocar que; se as duas primeiras premissas iniciais identificadas neste texto estão na atenção ao diálogo entre *indivíduo/grupo e mapeamento colaborativo do contexto*, a terceira premissa

fundamental para nossa prática pedagógica transdisciplinar - observada pelo projeto ao longo destes anos - seria o exercício de percepção *dos tempos*.



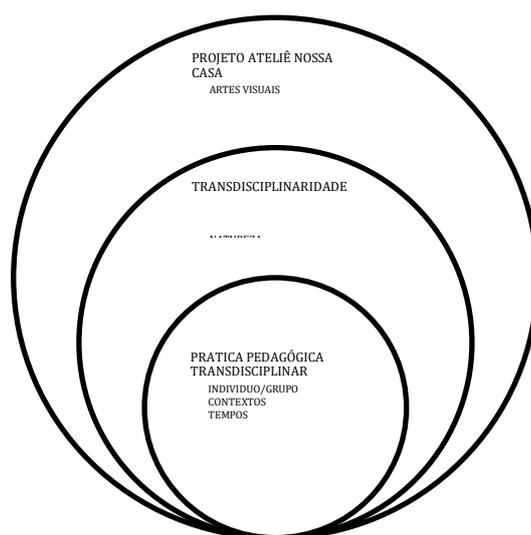
**Fig.6 – Aula do Ateliê Nossa Casa: Aquarela e a criação de histórias sobre o nascimento do mundo. Créditos de imagem: Arquivo Ateliê Nossa Casa.**

À que tempos estamos nos referindo? Aos múltiplos tempos que atuam simultaneamente dentro e fora de um projeto, de um fazer artístico, de uma ação pedagógica ou de um grupo constituído para determinado trabalho, para citar apenas alguns. Ou seja, perguntarmo-nos junto ao nosso grupo de educadores quais os tempos que estão operando durante uma determinada ação pedagógica? Identificá-los seja para um trabalho com adultos ou crianças é observado aqui como fundamental para possibilitar o diálogo entre os diferentes tempos presentes na prática: indivíduo/grupo/ação educativa/criação. Neste sentido, para nossa prática pedagógica transdisciplinar o educador pode ser visto como um maestro; orquestrando os distintos tempos presentes em um grupo e buscando sempre harmonizar o conjunto para que o trabalho possa se desenvolver com ritmo e fluxo

simultaneamente. Na prática transdisciplinar esta é uma percepção fundamental pois não é incomum por desatenção a este elemento - para citar apenas um exemplo - cobramos do início; algo que é da ordem do fim e vice-versa; e isso pode desestruturar um projeto artístico ou uma ação pedagógica.

Desta forma, apresentamos até aqui as três premissas iniciais elencadas pelo projeto Nossa Casa como fundamentais para a busca de nossa prática pedagógica transdisciplinar: **Perceber as relações indivíduo/grupo, mapear os contextos, identificar e cuidar dos tempos.**

Para colaborar na visualização desenhamos o gráfico abaixo salientando que este seria apenas uma ilustração; uma fotografia estática de um processo circular, em constante movimento e múltipla dimensionalidade:



#### 1.4 - UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA UM FUTURO PÓS PANDEMIA.

Neste momento, em julho de 2020, após quatro meses de isolamento social e em meio a uma pandemia mundial de proporções planetárias nunca antes vivenciada, muitas perguntas novas nos emergem. Para o projeto Nossa Casa, já não nos basta a pergunta que aqui partilhamos no início do texto: se estamos ou não realizando uma prática pedagógica transdisciplinar, mas também qual o sentido desta práxis neste momento e no futuro? A crise, ou ainda, o descortinar de várias crises já existentes em um sistema econômico, social, educacional, de saúde pública e por que não dizer, existencial; nos aponta para a urgência de revisão de alguns caminhos e a reafirmação de outros. É um tempo de balanço, mas também de ação e reflexão. A COVID 19 escancara as desigualdades econômicas mundiais e a fragilidade de populações com extremas carências. Neste cenário, como na guerra, é inevitável nos confrontarmos com reflexões sobre o sentido da Cultura de Paz e o lugar da não violência. Como nos coloca Paulo Freire (APUD. FREIRE, P.388, 2006) e Ana Maria Araújo Freire (FREIRE, P.388, 2006), no texto *Educação para a paz segundo Paulo Freire*:

“De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas”.

“Neste parágrafo tão simples quanto profundo Paulo diz de seu entendimento de Paz. Diz de sua compreensão de Paz que se antagoniza com as injustiças e tem como seu par antagônico a GUERRA. Diz de sua atitude ética que prioriza os homens e as mulheres no lugar da ética do mercado. Diz de sua perene preocupação com a formação dos homens e das mulheres numa educação, que tenha uma relação direta e dialética com a Paz. Diz de nossa responsabilidade e dever de tentar assegurar a Paz mundial e a Paz social em nossos países em torno do mundo”.

E também nos parece inevitável retomarmos algumas perguntas fundamentais para a transdisciplinaridade: Em que medida estamos logrando na construção de uma educação igualitária para todos? Estamos conseguindo dedicar tempo para as práticas cotidianas de ensino aprendizagem que exercitem o cuidado com a vida, a consciência planetária, a igualdade de direitos, a não violência? Criar espaços de diálogo e de investigação que

despertem o amor e o interesse pelo conhecimento? É inegável nossos avanços neste sentido se tomamos como medida o largo tempo dos séculos. Mas estas tem sido as nossas prioridades curriculares? Quanto tempo dedicamos a esta aprendizagem durante um dia na escola, uma semana, um ano? Qual o ritmo e o fluxo? São perguntas que acredito encontrarmos também nestas falas de Paulo Freire e Nita ao observá-las à luz deste momento histórico.

Encontramos no texto “*Amanhã será tarde demais*” de Basarab Nicolescu (1999, p.1):

“O crescimento contemporâneo dos saberes não tem precedentes na história humana. Exploramos escalas outrora inimagináveis: do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do infinitamente curto ao infinitamente longo. A soma dos conhecimentos sobre o Universo e os sistemas naturais, acumulados durante o século XX, ultrapassa em muito tudo aquilo que pôde ser conhecido durante todos os outros séculos reunidos. Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos? Como se explica que a proliferação acelerada das disciplinas torne cada vez mais ilusória toda unidade do conhecimento? Como se explica que quanto mais conheçamos o universo exterior, mais o sentido de nossa vida e de nossa morte seja deixado de lado como insignificante e até absurdo? (...)”

Mas com a pandemia e a morte tão próxima reencontramo-nos com a pergunta sobre o sentido da vida e conseqüentemente para nós educadores e professores de arte, sobre o sentido da arte na vida e na formação humana.

Cerca de 8 anos depois de Paulo Freire colocar esta fala que aqui citamos, pronunciada durante seu discurso ao receber a indicação para “Prêmio UNESCO da Educação para a Paz” em setembro de 1986, em Paris; no ano de 1994; durante o Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no Convento de Arrábida, em Portugal, entre 2 e 6 novembro, A Carta da Transdisciplinaridade<sup>7</sup> foi redigida. Tendo como comitê de redação Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu, a Carta da Transdisciplinaridade nos lançou princípios que ainda hoje nos apontam horizontes não alcançados. Como uma carta de princípios ela não nos revela os caminhos.

---

<sup>7</sup> Carta da Transdisciplinaridade. I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. CIRET e UNESCO. Arabida, 1994.

Novos desafios se apresentam e se somam aos antigos. E neste contexto, o projeto Nossa Casa se insere neste processo global de auto questionamentos. Questões sobre nosso trabalho realizado até o presente e a continuidade das premissas iniciais partilhadas neste texto. Quais as árvores que nascerão a partir do que plantamos até agora? Quais as sementes que irão germinar daquelas que plantaremos no futuro? É impossível saber. O que compartilho como conclusão; é que a transdisciplinaridade nos ensinou que cada educador é um semeador. Mas cuidar e ver crescer, vai muito além o nosso trabalho, e precisamos de todos.

### **Referências:**

SANTOS, Akito. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Laboratório de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

Conferência no Congresso International "A Responsabilidade da Universidade para com a Sociedade", International Association of Universities, Chulalongkorn University, Bangkok, Thailand, de 12 a 14 de novembro de 1997. Disponível em: < <https://ciret-transdisciplinarity.org/bulletin/b12c8por.php> >. Acesso em 10/11/2019.

Carta da Transdisciplinaridade. I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade. CIRET e UNESCO. Arabida,1994.

FILHO. Nei Alberto Salles. **Educação para paz: um caminhar no pensamento complexo através de cinco pedagogias integradas e complementares** . Polyphonia, v. 27/1, P138, jan./ jun. 2016.

FREIRE. Ana Maria Araújo. (NITA). Educação para a Paz segundo Paulo Freire. Ano XXIX, n. 2 (59), p. 387 – 393, Maio/Ago. Porto Alegre. 2006.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Triom : São Paulo, 1999.

ROSENTHAL, Dália. Substancialidade e prática transdisciplinar para formação de professores de arte: Diálogos Contemporâneos n: Congresso XXI Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. ANPAP. "Vida e ficção: arte e fricção", P. 507-5017. Rio de Janeiro. 2012.

ROSENTHAL, Dália. Blog Ateliê Nossa Casa. Disponível em: <  
<http://atlienossacasa.blogspot.com/p/o-projeto-nossa-casa.html>>. Acesso em 09/11/2019.

JARES, X. R. Pedagogia da convivência. P. 25. São Paulo: Palas Athena, 2008.